

TROCA DE SABERES: DIÁLOGO COM PESCADORES ARTESANAIS SOBRE OS ACIDENTES POR ANIMAIS MARINHOS

EXCHANGE OF KNOWLEDGE: DIALOGUE WITH ARTISANAL FISHERMEN ON MARINE ANIMAL ACCIDENTS

INTERCAMBIO DE CONOCIMIENTOS: DIÁLOGO CON PESCADORES ARTESANALES SOBRE ACCIDENTES CAUSADOS POR ANIMALES MARINOS

Ana Paula da Conceição Fernandes de Amorim¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Moana Ferreira dos Santos²
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Ângelo Alves de Moura³
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rafael Marques de Mesquita⁴
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Ricardo Pereira Igreja⁵
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Medicina – Doenças Infecciosas e Parasitárias Faculdade de Medicina – UFRJ; Mestre no Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável (PPGPDS-UFRJ); Especialista em Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ)

<https://orcid.org/0000-0002-0774-7970> <http://lattes.cnpq.br/6202933910932933> amorim.dip.ufrj@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Medicina – Doenças Infecciosas e Parasitárias Faculdade de Medicina – UFRJ; Mestre no Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável (PPGPDS-UFRJ); Especialista em Gestão Ambiental (UCAM-RJ)

<https://orcid.org/0009-0004-5615-8971> <http://lattes.cnpq.br/6647941256766845> moana@hucff.ufrj.br

³ Graduação em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Residência em Clínica Médica pelo Hospital da Polícia Militar de Minas Gerais (HPMMG); Médico residente em Gastroenterologia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

<https://orcid.org/0009-0004-0398-0515> <http://lattes.cnpq.br/7381596122643900> moura@hotmail.com

⁴ Graduação em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especialização em cirurgia geral pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

<https://orcid.org/0000-0002-4209-5250> <http://lattes.cnpq.br/4645044314335934> rmarques93@gmail.com

⁵ Doutorado e Mestrado em Medicina (Doenças Infecciosas e Parasitárias). Professor Titular na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<https://orcid.org/0000-0003-2541-3840> <http://lattes.cnpq.br/0245463254636042> rpigreja@gmail.com

Resumo

A pesca é uma das atividades humanas mais antigas. Envolve várias outras complementares, e tem se mantido resiliente. Uma atividade solitária com conhecimentos que remetem à um saber popular enriquecedor, mas também os torna vulneráveis à acidentes inclusive por animais marinhos. Esse tema, de extrema importância e pouco abordado, carece de estudos e dados epidemiológicos, registros adequados em unidades de saúde. Para entender melhor esses acidentes, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, promoveram uma roda de conversa com pescadores artesanais de uma praia da Cidade de Niterói – Rio de Janeiro. A atividade foi idealizada e construída com a participação dos atores locais. Foi um momento de fortalecimento de saberes individuais e coletivos, emancipação e troca de conhecimentos no campo da educação em saúde e educação ambiental. De percepção de necessidades da comunidade, principalmente em atendimento aos acidentes listados. Foi uma atividade produtiva, mereceu ser registrada como manuscrito que pudesse ser utilizado em outras atividades com populações tradicionais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação em Saúde; Saúde Pública; Empoderamento; População Tradicional.

Abstract

Fishing is one of the oldest human activities. It involves several other complementary activities and has remained resilient. It is a solitary activity with knowledge that draws on enriching popular wisdom, but also makes fishermen vulnerable to accidents, including those involving marine animals. This extremely important and little-discussed topic lacks studies and epidemiological data, as well as adequate records in health facilities. To better understand these accidents, researchers from the Federal University of Rio de Janeiro organized a roundtable discussion with artisanal fishermen from a beach in the city of Niterói, Rio de Janeiro. The activity was conceived and developed with the participation of local actors. It was a moment of strengthening individual and collective knowledge, emancipation, and exchange of knowledge in the field of health education and environmental education. It focused on the perception of community needs, especially in response to the accidents listed. It was a productive activity, deserving to be recorded as a manuscript that could be used in other activities with traditional populations.

Keywords: Environmental Education; Health Education; Public Health; Empowerment. Traditional Population.

Resumen

La pesca es una de las actividades humanas más antiguas. Implica varias otras actividades complementarias y se ha mantenido resistente. Es una actividad solitaria que requiere conocimientos que se remontan a un saber popular enriquecedor, pero que también la hace vulnerable a accidentes, incluso por parte de animales marinos. Este tema, de extrema importancia y poco abordado, carece de estudios y datos epidemiológicos, así como de registros adecuados en las unidades de salud. Para comprender mejor estos accidentes, investigadores de la Universidad Federal de Río de Janeiro organizaron una mesa redonda con pescadores artesanales de una playa de la ciudad de Niterói, en Río de Janeiro. La actividad fue ideada y construida con la participación de los actores locales. Fue un momento de fortalecimiento de los conocimientos individuales y colectivos, de emancipación e intercambio de conocimientos en el campo de la educación sanitaria y la educación ambiental. De percepción de las necesidades de la comunidad, principalmente en la atención a los accidentes enumerados. Fue una actividad productiva, que mereció ser registrada como manuscrito que pudiera utilizarse en otras actividades con poblaciones tradicionales.

Palabras claves: Educación Ambiental; Educación para la Salud; Salud Pública; Empoderamiento; Población Tradicional.

INTRODUÇÃO

A pesca, principalmente artesanal, exercida dentro dos limites sustentáveis e ecológicos, respeitando a natureza dos ambientes aquáticos e a própria natureza humana, é uma das atividades humanas mais antigas de extrativismo, praticada pelo homem desde



a pré-história (Justo; Sottili; Essy 2019). A inclusão de pescados na dieta alimentar dos brasileiros vem aumentando nos últimos anos, pois o país tem seguido a tendência mundial de consumir alimentos mais saudáveis por ser uma carne rica em proteínas, aminoácidos, vitaminas e minerais, com baixo índice de gordura e elevados teores de ômega-3, elementos que trazem muitos benefícios à saúde humana (Gorodicht; Kindlein, 2023).

Além da importância para a subsistência humana, a pesca é uma atividade econômica importante, que implica direta ou indiretamente, em várias outras atividades complementares, como o transporte, o armazenamento, transformação, manipulação e venda dos produtos da pesca, construção e reparação das embarcações de pesca, construção de artes e utensílios de pesca, gerando renda e empregando diversas pessoas dentro e fora do núcleo familiar, nessas atividades. Famílias inteiras têm vivido da pesca desenvolvendo atividades diversas, por gerações (Justo; Sottili; Essy, 2019). O conhecimento ecológico adquirido por esses profissionais da pesca artesanal, de diversas regiões do Brasil, tem sido largamente difundido e usado no manejo pesqueiro, porque essas populações tradicionais armazenaram um conhecimento detalhado de aspectos ecológicos, comportamentais, alimentares, reprodutivos e classificatórios dos diversos animais marinhos. Além disso, essa metodologia de pesca garante sustentabilidade e mantém o equilíbrio da fauna (Ladislau *et al.* 2021).

Mas a pesca artesanal é normalmente praticada de modo solitário ou em parcerias com amigos ou familiares. O pescador muitas vezes costuma acampar à beira dos ambientes aquáticos, por tempo condicionado às expectativas da pescaria. A atividade em questão caracteriza-se por um elevado grau de individualidade, constituindo-se como um espaço de expressão de saberes práticos adquiridos ao longo do exercício profissional e evidenciando a autonomia técnica desse trabalhador. Porém, tal característica, muitas vezes marcada por dinâmicas solitárias, tende a dificultar processos de organização coletiva entre pescadores, o que se traduz em entraves significativos à mobilização social da categoria e à consecução de objetivos comuns (Silva, 2005).

Por outro lado, a cultura pesqueira é muito admirada como parte de um turismo local, possui costumes que trazem economias para as regiões onde são praticadas. Também visibiliza o trabalho dos vendedores e beneficiadores locais, e cria uma interessante cadeia produtiva ao redor dessa atividade (Eglito *et al.* 2024).

Embora muito impactada pela pesca industrial, a pesca artesanal/tradicional resiste e ainda é praticada em muitas regiões do Brasil, visando a sustentabilidade dos biomas marinhos protegidos e respeitando a sazonalidade de algumas espécies, devido às práticas



pesqueiras de baixo impacto (Eglito *et al.* 2024). Sob esse ponto de vista a educação ambiental, mesmo que adquirida indiretamente, por meios não formais, parece ser uma ferramenta importante na compreensão e conscientização desse espaço como meio de sobrevivência e vida (Eglito *et al.* 2024).

Porém, apesar de pouca pesquisa e poucas informações, acidentes envolvendo animais marinhos são mais corriqueiros e sérios do que se pode imaginar, haja vista que intoxicação, perfurações, queimaduras, lesões e lacerações de diferentes intensidades estão entre os principais registros de incidentes com esses animais (Vieira; Oliveira 1999).

Falar de saúde das populações tradicionais é falar da luta contra um modelo de desenvolvimento que considera essas populações invisíveis ou um empecilho para o progresso (Carneiro, Krefta e Folgado, 2014). A pesca artesanal é uma atividade laboral de grande importância tanto do ponto de vista social quanto econômico no Brasil. É exercida por homens e muitas vezes também por mulheres, em parceria ou em regime de economia familiar, e amplamente realizada no país, mas ainda uma atividade extrativista com condições precárias de trabalho e risco constante à saúde e integridade física (Aguar, 2017).

Um fator agravante é a não notificação desses acidentes. Isso prejudica o estabelecimento do nexos clínico e epidemiológico, gerando subnotificação e consequente imprecisão epidemiológica, causada por falta de dados de casuística, resultando em invisibilidade dessa população inclusive para benefícios previdenciários e estratégias de atendimento em unidades de saúde. Ao final temos o agravamento das condições de vulnerabilidade socioeconômica desses trabalhadores (Aguar, 2017).

O objetivo desse manuscrito é apresentar a importância da oficina nos moldes de roda de conversa como uma ferramenta de valorização do saber popular integrado ao saber científico.

METODOLOGIA

Devido à defasagem de informações e levando-se em consideração que os acidentes por animais aquáticos podem causar morbidez importante, o Centro de Informação Toxicológica, do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho – Universidade Federal do Rio de Janeiro (CIT-HUCFF-UFRJ) realizou, em fevereiro de 2018, uma oficina participativa, durante uma roda de conversa, com pescadores artesanais, na localidade de Canto de Itaipu, município de Niterói, Rio de Janeiro (**Figura 1**).



Figura 1: pescadores na praia de Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro, 2018.



Foto: Moana Ferreira, 2018.

A atividade foi parte integrante de ações de extensão universitária denominadas “Acidentes com animais marinhos – importância médica e socioambiental”, realizadas no âmbito do Programa de Pesquisa Ação na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal (PAPESCA – UFRJ), no âmbito do - Programa de apoio à extensão universitária MEC/SESU (PROFAEx-2017).

Para desenvolver o referencial teórico, foi realizado um *Special Report* a partir de pesquisa bibliográfica de artigos indexados. As referências escolhidas seguiram um critério de seleção cujos idiomas foram inglês e português. Os critérios de exclusão foram repetição dos artigos nas bases de dados, resumos discordantes ou não pertinentes ao tema, após a leitura. Para a análise das informações da produção científica selecionada, não foram utilizadas técnicas quantitativas ou qualitativas características, e sim a análise de cada artigo e sua relação com os objetivos deste manuscrito. Após as consultas, foram encontrados 98 artigos e selecionados 30 para esse manuscrito.

A roda de conversa visou valorizar o conhecimento dessa população sobre os acidentes provocados por animais marinhos na região, sob o ponto de vista da educação ambiental e da educação em saúde, ou seja, como eles entendiam a ocorrência como parte da rotina de trabalho na pesca, naquele bioma, e quais os procedimentos ligados à saúde eles realizavam para resolver o agravo. Mas também foi o momento em que os pesquisadores puderam orientar adequadamente os participantes quanto aos procedimentos relacionados aos primeiros socorros, visando a saúde individual e coletiva, fortalecendo ações de higiene, imunização e a necessidade de, em muitos casos, buscar auxílio de profissionais de saúde.



A metodologia da atividade seguiu as seguintes etapas: mobilização com lideranças locais para o desenvolvimento da atividade; interação com os pescadores em seu ambiente de trabalho, ou seja, na praia durante a chegada da atividade de pesca, a fim de articular o melhor momento para a realização do evento, atividade essa que contou com a participação de um dos líderes como mediador entre equipe técnica e pescadores.

A oficina foi realizada no dia escolhido pelos pescadores, como sendo o ideal para a comunidade. Contou com a presença de 29 pescadores artesanais e a equipe técnica. A equipe do projeto providenciou uma recepção e os pescadores foram convidados a participar de uma roda de conversa, como uma oportunidade de integração, onde eles colocaram suas experiências relacionadas aos acidentes provocados por animais marinhos e os encaminhamentos e procedimentos de primeiros socorros que eles desenvolviam nesses casos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira fase das atividades, a equipe do Centro de Informação Toxicológica, do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CIT-HUCFF-UFRJ) precisou obter informações junto à população tradicional de pescadores do Canto de Itaipu. Isso ocorreu por cerca de dois meses, em que os pesquisadores frequentavam o local pela manhã bem cedo e abordavam os pescadores na chegada da atividade pesqueira (**Figura 2**). Essas informações serviram para nortear a oficina de roda de conversa, que foi realizada posteriormente. Pois foi a partir desses diálogos que se tomou ciência das ocorrências de acidentes por animais marinhos e observou-se o perfil do conhecimento da população em relação a elas.



Figura 2: a, b, c, e d. pesquisadores do CIT e pescadores.
Praia Canto de Itaipu, Niterói, RJ, 2018.



Fotos: Moana Ferreira e Ana Paula Amorim, 2018.

Pode-se identificar os grupos de animais marinhos envolvidos nesses acidentes, os cenários mais comuns e procedimentos realizados para atenção à saúde nestes casos, assim como as estratégias de atendimento desses acidentes desenvolvidas pela rede de saúde local.

A roda de conversa foi agendada, por escolha dos próprios pescadores artesanais, em um momento no desembarque do trabalho pesqueiro. A equipe do CIT providenciou os alimentos (bolos, sanduíches, biscoitos), as bebidas (água mineral, café, café com leite, refrigerante e sucos industrializados), as mesas e cadeiras foram fornecidas por comerciantes locais e dispostas na própria areia da praia em local sombreado (**Figura 3**).

Figura 3: a. - Desembarque; b. c. e d. - Roda de conversa: Praia de Canto de Itaipú – Niterói, RJ



Fotos: Moana Ferreira e Ana Paula Amorim, 2018.

Os pescadores iam chegando com seus barcos e pescados e assim que destinavam o produto da pesca aos beneficiadores, vendedores e ao comércio que já aguardava no local, se dirigiam para o local da oficina. Quando todos os pescadores convidados chegaram, iniciou-se a roda de conversa.

Foi elaborada uma lista constando o nome popular de todos os animais envolvidos nos acidentes que foram citados por eles, acompanhada da frequência da ocorrência e do tipo de lesão provocada (**Figura 4**). Partindo desse material, iniciou-se a dinâmica da roda de conversa, em que eles falaram de suas experiências e vivências com as ocorrências e encaminhamento delas. A equipe técnica orientou e respondeu às dúvidas surgidas durante a oficina, sempre reforçando as questões de educação ambiental e em saúde relevantes nesses acidentes.

Figura 4: Listagem dos animais marinhos envolvidos nos acidentes que foram referidos pelos pescadores em diálogo participativo prévio à roda de conversa.

The photograph shows a man and a woman examining a large yellow board attached to a tree. The board is a list with three columns: 'Arizumais', 'Nº de Observação', and 'Assistente'. It contains 19 rows of handwritten data. The man, wearing an orange tank top and sunglasses, is pointing at the board. The woman, wearing a yellow t-shirt, is looking at the board. A bicycle is parked behind the man.

Arizumais	Nº de Observação	Assistente
Enzo	10	Assistente
Alana	11	Assistente
Assistente / B. B. B.	12	Assistente
Assistente	13	Assistente
Assistente	14	Assistente
Assistente	15	Assistente
Assistente	16	Assistente
Assistente	17	Assistente
Assistente	18	Assistente
Assistente	19	Assistente
Assistente	20	Assistente
Assistente	21	Assistente
Assistente	22	Assistente
Assistente	23	Assistente
Assistente	24	Assistente
Assistente	25	Assistente
Assistente	26	Assistente
Assistente	27	Assistente
Assistente	28	Assistente
Assistente	29	Assistente
Assistente	30	Assistente

Foto: Moana Ferreira, 2018.

O evento ocorreu durante todo o período da manhã, estendendo-se até próximo ao meio-dia, quando os pescadores começaram a dispersar-se e a retomar suas atividades laborais.

A importância dessa roda de conversa foi observada na intensa participação dos pescadores durante a oficina, trazendo suas percepções e experiências individuais e memórias coletivas sobre o tema, o modo como eles se organizavam para resolver a questão individualmente e/ou ao final auxiliando o coletivo. Isso reforça os conceitos de Boaventura de Souza Santos ao dizer que a inclusão social e educacional são contextos importantes na pedagogia, mas que não atingem a todos da mesma forma nem ao mesmo tempo (Lima; Dutra, 2020).

Para Lima (2022), o senso comum é o menor denominador comum daquilo em que um grupo ou um povo coletivamente acredita. Sendo assim, o senso comum seria o conhecimento que se alinha à proposta de subjetividade individual e coletiva a ser construída. Um conhecimento que não tem a pretensão de apresentar uma grande teoria, mas uma teoria da tradução que sirva de suporte epistemológico às práticas emancipatórias. Ainda segundo Lima (2022) essa premissa ganha força na criação de um mapa emancipatório e de novas subjetividades, individuais e coletivas, capazes de usar, e

de querer usar, esse mapa, ou seja, uma nova compreensão da emancipação e de uma nova subjetividade com capacidade e vontade de emancipação.

Falar de Educação Popular remete ao entendimento sobre um conhecimento ausente do rigor, da sistematização e do critério científico ou filosófico, autodenominados saberes por excelência. A concepção comumente admitida, que circula, que prevalece nos meios acadêmicos, é a de que a Educação Popular não deve receber status epistemológico ou mesmo rótulo de conhecimento acadêmico. Esse tipo de posicionamento nos mostra o que a ciência evita mostrar, pois isto a coloca em xeque frente as outras formas de saber (Araújo; Cruz, 2020).

Nesse cenário, devemos pensar no conceito de ecologia de saberes, tão difundido e defendido por Boaventura de Sousa Santos. Para ele, a ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais pelos que nelas intervêm. É uma proposta nova e, como tal, exige cuidados. A ecologia de saberes permite superar a monocultura do conhecimento científico e perceber que os não científicos também são alternativas de conhecimento, outros conhecimentos. O importante é reconhecer as práticas e os contextos em que surgem e operam, como percebem saúde e doença e como superam a ignorância sobre as questões de “saúde X doença”, ou seja, como a doença não é diagnosticada ou como ela se cura por si só. No fundo o objetivo da ecologia de saberes é criar um tipo de relação entre o conhecimento científico e outros tipos de conhecimento (Santos, 2018).

Mas também é fundamental pensar em outro ator social, aquele que está no papel de educador, monitor ou instrutor, aqui nesse caso os pesquisadores que acompanhavam a oficina. Para Sinfrônio, Costa e Costa (2024) a ação de educar requer valores sociais, normas e deveres que o profissional da Educação precisa seguir. Dessa forma, o educador, precisa lançar mão de uma formação ancorada no princípio da incompletude, consciente da sua realidade como servidor social. E essa participação do educador, no caso representado pelos pesquisadores, foi muito bem recebida pelos pescadores, que puderam também perguntar sobre vários aspectos do tratamento e encaminhamento no caso dos acidentes. Havia muitas dúvidas se o que eles faziam durante os atendimentos aos acidentes e acidentados era correto e suficiente. Então esse momento foi importante para ambas as partes, proporcionando uma via de mão dupla entre saberes populares e saberes acadêmicos.

A função dos pesquisadores nesse caso, além de espectadores das experiências trazidas pelos pescadores, teve a preocupação de orientar sobre procedimentos de



tratamento identificados durante a dinâmica que não são adequados, muito pelo contrário, podem prejudicar ainda mais o acidente e, conseqüentemente, a saúde do acidentado. Segundo (Torres, 2024), o ato de educar é também um ato político, não deve ser excludente nem discriminatório, principalmente no campo da educação coletiva, e por esse motivo é necessário que haja uma troca entre os conhecimentos populares e científicos para que todos possam ser beneficiados de modo igual. Há uma dimensão ética e um desejo de cuidar que abrem outros caminhos e diálogos na abordagem à saúde humana. Questões de aproximação cultural entre ensino formal e comunidade que, quando devidamente alinhadas, fortalecem esse caráter libertador, a justiça social, a emancipação coletiva e essas trocas podem ser vistas de modo positivo (Almeida *et al.* 2024; Junior, 2023; Rizzolo, Santos, e Cruz, 2024).

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS OFICINAS COM PESCADORES ARTESANAIS

Durante o desenvolvimento histórico das civilizações, houve muita preocupação em relação ao desenvolvimento urbano e à economia mundial, mas fenômenos sociais e ambientais também inspiraram atenção e cuidados. A responsabilidade socioambiental sempre foi um conceito fundamental para a sustentabilidade global, e compreendida como um sistema de gestão muito usado em sociedades públicas e privadas com o propósito de favorecer a inclusão social e a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, visando a contribuição na construção de um futuro mais equitativo e resiliente para as gerações presentes e futuras, reconhecendo a interdependência entre as ações humanas e o meio ambiente (Oliveira *et al.* 2024)

A ciência, que na modernidade, por meio da técnica e da tecnologia, prometeu resolver os problemas humanos, passou a ser questionada. A tecnologia, que prometia resolver os problemas humanos, passou a ser a causadora de alguns deles. Assim, o problema reside no desequilíbrio gerado pelo processo de colonização do mundo e da vida (Siqueira; Raposo e Freitas, 2024).

A educação ambiental surgiu no Brasil em um contexto de luta, em um período caracterizado por lutas pela abertura política, com a participação intensa de movimentos sociais e de militantes pela causa ambiental. Ela pode ser considerada como herdeira direta de movimentos ecológicos e dos debates internacionais sobre a importância de se manter meio ambiente sustentável (Moraes, 2023).

Os impactos ambientais decorrentes das atividades humanas produzem



consequências diretas e indiretas sobre a saúde, constituindo um fato amplamente reconhecido. Apesar disso, ainda são limitadas as iniciativas voltadas ao controle e à mitigação dessa situação. Faz-se necessária uma mudança profunda e urgente na relação com a natureza, com ênfase em ações de sensibilização e conscientização acerca dos problemas ambientais, de modo a viabilizar soluções efetivas. A articulação entre saúde e sustentabilidade ambiental é especialmente relevante, uma vez que o processo saúde-doença está intrinsecamente relacionado ao ambiente (Lima; Guenther, 2024).

Ao utilizarem a educação ambiental, as pessoas desenvolvem a capacidade de entender os impactos das atividades humanas nos mares e nos oceanos e como tomar medidas proativas para mitigar esses efeitos. É importante enfatizar que a educação ambiental voltada para o ambiente marinho pode aumentar a conscientização sobre os desafios enfrentados por esses ecossistemas, mas também pode capacitar as comunidades a se preocuparem e desenvolver iniciativas de conservação e gestão sustentável desses recursos marinhos, fortalecendo práticas sustentáveis que objetivem a conservação desses ecossistemas vitais (Oliveira *et al.* 2024).

Quanto à educação ambiental junto aos pescadores, ela deve procurar manter uma relação com base em articulações às lutas sociais e à preservação. Deve ser vista como um processo de sensibilização, conhecimento, comportamento, habilidade e participação para com a sociedade ribeirinha (Albuquerque; Farias e Maia, 2015). Seu papel central é gerar autonomia a tais grupos, como sujeitos coletivos, socializar conhecimento e promover o controle social. Trata-se de organizar o processo pedagógico de forma que os atores sociais se apropriem sobre sua realidade e participem dos processos decisórios que intervêm sobre suas vidas, bem como, exerçam o papel de controle social (Walter; Anello, 2012). Deve ser um impulso à inclusão social e à participação. Um instrumento de gestão, desenvolvendo a capacidade de intervenção no processo de construção social de modo que o agente possa atuar conscientemente, com ações individuais e coletivas ao mesmo tempo (Pereira, 2008).

Quando pensamos em educação ambiental pensamos no diálogo entre os atores sociais, entre os grupos sociais e nos seus interesses, que através de suas representações podem de alguma maneira auxiliar em políticas públicas que atuem na solução de problemas sociais e ambientais. Ou seja, a educação ambiental tem um papel fundamental como política pública (Pereira, 2008). A Educação Ambiental configura-se como uma possibilidade de transformação efetiva da realidade e das condições de qualidade de vida, ao favorecer, sempre que possível, a resolução de problemas cotidianos através da



mediação de conflitos. Tal abordagem busca promover maior celeridade e eficiência no atendimento às demandas, que extrapolam a esfera da atividade pesqueira e abrangem todo o contexto social e econômico que compõe a vida dos pescadores artesanais. Deve ser compreendida como propagadora de soluções, não apenas imediatas, mas a longo prazo, no intuito de reformar as políticas sociais para uma perspectiva mais humana, próxima àqueles que podem ser alcançados pelos conhecimentos e saberes disponíveis (Justo; Sottili; Essy, 2019). Educação ambiental nos remete à democracia participativa, nesse caso especificamente atrelada à pesca artesanal. À construção de um novo modelo de organização social que passe pela reconstrução da percepção de coletividade, de emancipação social e pela importância dessa participação. Esse empoderamento através da participação ativa é de extrema importância para os pescadores artesanais diante das dificuldades às quais esse grupo está submetido, e isso põe à prova seus espaços de vida, trabalho e a própria existência. É claro que, para este grupo, há poucas possibilidades de participar e influenciar as ações públicas que possam dizer respeito ao modo de vida que resistem a prática (Arruda *et al.* 2024).

O conhecimento das percepções dos pescadores artesanais é crucial para o direcionamento de políticas públicas mais assertivas e adaptadas às demandas locais, contribuindo, na melhoria contínua dos serviços ofertados à comunidade e o fortalecimento das relações entre a gestão pública e a própria comunidade (Peixoto *et al.* 2024).

A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

A participação nas decisões e ações em saúde é relativamente antiga, mas ganhou força no século passado, principalmente no período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando tornou-se necessário investir em sistemas de bem-estar social individual e coletivo e na democratização dos estados e das nações. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e o Banco Mundial, entre outras instituições, também tiveram um papel importante nesse desenvolvimento e na participação em saúde (Kujawa *et al.* 2023).

A educação popular constitui uma perspectiva teórico-metodológica voltada para práticas educativas e sociais de populações diversas. Se articula com aspectos éticos, políticos e pedagógicos, estimulando iniciativas de organização popular no sentido de enfrentar as desigualdades sociais. Desse modo ela ganhou uma enorme posição na saúde coletiva orientando movimentos que estivessem comprometidos com a saúde e com a emancipação dos atores sociais (Brito *et al.* 2024). Mas é importante dizer que educação popular em saúde também é luta pelo social (Maia *et al.* 2023)



A educação popular, no seu íntimo, é uma atividade que estimula a promoção, a proteção e a recuperação da saúde a partir do diálogo entre os diversos saberes, formais e informais. Ela valoriza tanto os saberes populares quanto os saberes acadêmicos, propondo sua união em busca da reconstituição do pensamento popular, orientada pela promoção da saúde e cercada de disponibilidade, escuta e fala dos atores que participam ativamente do processo. A equidade, a participação social, o empoderamento e a integralidade são os princípios fundamentais da educação popular em saúde. Seus principais valores são a felicidade, a inclusão social, o respeito à diversidade, a justiça, a ética e a humanização. Seu compromisso é a universalidade, a equidade, a integralidade, e a efetiva participação popular no Sistema Único de Saúde (MS, 2022).

No Brasil a educação popular está amparada pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS - Portaria Nº 2.761, de 19/11/ 2013), que tem como objetivos principais: promover o diálogo entre os diversos atores sociais; compartilhar práticas e saberes populares e técnicos científicos; reconhecer e valorizar as culturas populares, suas diferenças, etnias e individualidades; apoiar ações de educação popular na atenção primária em saúde; garantir a participação popular no planejamento, acompanhamento, monitoramento e na avaliação da política (MS, 2022).

Mas os desafios da educação popular são inúmeros. Uma delas é a capacidade por si só de mobilizar as pessoas em prol de um objetivo comum, fortalecendo a capacidade de mobilizar ações de mudança ante as injustiças e desigualdades sociais. Outra é a mobilizar e difundir estratégias de enfrentamento e de superação de situações adversas às quais essas populações estão vulneráveis, principalmente no campo da saúde pública. Face a isso, é fundamental lembrar que a educação popular é um processo de ensino e de aprendizagem mediada pelo trabalho, com uma prática e participação ativa e crítica, pautada pelo diálogo, comprometida como uma ação transformadora da realidade social, vivida no cotidiano para sua humanização permanente (Cruz *et al.* 2024). A universalização do direito humano à saúde, afirmando-se como propósito expresso em diversos documentos históricos e, mais recentemente, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ainda é um desafio (Kujawa *et al.* 2023).

Os cidadãos influenciam diretamente a organização dos serviços de saúde. Possuem demandas que devem ser respondidas pelo Estado por meio de ações e insumos em saúde executados pelos provedores. Essas demandas não são uniformes, pois as características de cada local e de cada comunidade, bem como os interesses políticos do próprio Estado, determinam a manifestação de situações deletérias ao bem-estar e à



qualidade de vida. Além disso, a maneira como cada comunidade se organiza para a cobrança e resolução dessas demandas também tem impacto direto nessa determinação. A ação social em saúde consiste em todas as ações realizadas pela sociedade que contribuem para melhorar a sua saúde, tais como ações de autocuidado e de cuidados informais em saúde, como o cuidado de familiares, vizinhos e amigos através de saberes próprios, especialmente em locais não alcançados pelos serviços prestados pelo Estado. Ainda, envolvem outros tipos de ações, como trabalho voluntário e participação em associações além dos arranjos que são produzidos e regulados pelo próprio sistema de atenção em saúde, como os Conselhos de Saúde no Brasil (Kujawa *et al.* 2023).

Tem sido a partir do encontro entre as atividades de educação popular com as atividades de saúde com a saúde que, no Brasil, vem se constituindo o campo da Educação Popular em Saúde, envolvendo ao mesmo tempo a escuta e o diálogo, assim como as ações, sempre firmadas nas onde um movimento político-pedagógico emerge articulações entre forças de vários segmentos sociais, populares, trabalhadores e trabalhadoras, diversos profissionais da área da saúde, educadores e pesquisadores do campo da saúde pública, além de estudantes de diversas áreas da saúde, dentre outros atores (Lima; Dutra. 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas educativas oferecem de forma simples e acolhedora excelentes oportunidades de disseminar saberes, de mobilização social, de demonstração de saberes culturais e divulgação de informações técnicas. Também são muito eficazes na mobilização de atividades de educação ambiental e de educação em saúde.

A atividade foi efetiva e muito produtiva, obtendo a participação ativa por parte dos pescadores e da equipe técnica. E oportunizou reunir lideranças da pesca, pescadores de gerações distintas com atuação na região, contribuindo com a memória, experiências e o saber popular.

Esta estratégia resultou na participação ativa dos pescadores artesanais da localidade e ressaltou o fortalecimento do empoderamento dessa população tradicional. Ressaltou o devido valor ao saber popular agrupando os saberes técnicos sobre acidentes por animais marinhos mais evidenciados na região, direcionando orientações sobre as medidas de primeiros socorros seguras a partir das ocorrências, por parte dos pesquisadores que acompanharam a atividade. Também foi uma oportunidade para proporcionar orientação adequada e segura aos procedimentos de atendimento ao



acidentado.

É importante ressaltar que a educação popular em saúde precisa superar suas dificuldades, que são muitas, mas principalmente quando se fala de: fortalecimento das lutas pelo exercício e manutenção da democracia; defesa e exercício de direitos fundamentais básicos, de fortalecimento do Sistema Único de Saúde, visando a equidade e igualdade; aprimoramento das práticas educativas, tanto nos espaços formais como espaços informais; no desenvolvimento de pesquisas, programas e projetos envolvendo; de extensão e movimentos sociais populares e construção de ações e articulações desenvolvidas em redes colaborativas e solidárias, fundamentais na manutenção do modo de viver e trabalhar de populações tradicionais.

A roda de conversa mostrou ser uma ferramenta assertiva e eficaz na promoção de saúde, na educação ambiental e de integração entre o saber técnico-acadêmico e o saber local cultural em uma população tradicional da pesca artesanal.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Tatiane Silva. **Percepção dos percados artesanais e marisqueiras sobre os acidentes de trabalho com animais aquáticos e seus itinerários terapêuticos.**

Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho. Faculdade de Medicina da Bahia. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia. 2017. Acesso em 23/09/2024. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31396/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Tatiane%20final%20-.pdf>

ALBUQUERQUE, Rita Maria Vasconcelos; FARIAS, Elciane Maria do Nascimento; MAIA, Rafaela Camargo. Educação ambiental para o ecossistema manguezal: o papel dos pescadores artesanais. **Conexão Ciência e Tecnologia**. Fortaleza/Ceará, v. 9, n. 3, p. 41 - 50, nov. 2015. Acesso em 20/09/2024. Disponível em:

<https://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/818/618>

ALMEIDA, Matheus Souza de; ALMEIDA, Jadilson Ramos de; MARTINS, Juliana; SILVA, Regina de Lima; SILVA, Simone Ferreira da. Ética comunitária no processo formativo de professores que ensinam matemática: um movimento contínuo e inacabado. **Amazônia – Revista e Educação Em Ciências e Matemáticas**. V. 20, n.44: p.170-190, 2024. Acesso em 23/09/2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/15476/11174#>

ARAÚJO, Renan Soares de, e CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (Org). **Educação popular e construção compartilhada do conhecimento: debates teóricos**. 1ª. Ed. – João Pessoa, Paraíba: Editora CCTA. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 263p. 2020. Acesso em 05/10/2024. Disponível em:

<https://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/educacao-popular-e-construcao-compartilhada-do-conhecimento-debates-teoricos/livro-construcao-compartilhada-ebook-final.pdf>



ARRUDA, Ana Paula Serpa Nogueira de, LEAL, Carmem Brito, ALMEIDA Laís da Silva, e CAMPINHO, Ana Lúcia Mussi de Carvalho. Educação Ambiental e Participação Política Na Pesca Artesanal: A Construção de demandas prioritárias de pescadores artesanais em municípios da Bacia de Campos (RJ). **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**. São Paulo, v.19, n.2. p.401–416. 2024. Acesso em 10/11/2024. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/15821/11679>

BRITO, Pedro Nascimento Araujo, SANTANA, Elôysa Laura Pereira de, MORAES, Odara Alves, SILVA, José Carlos da, e CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. What has been discussed about popular health education in recent years: a narrative review of the literature. **Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ. 29(6). p1-11. 2024. Acesso em 23/09/2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3WCqFwJdHWfp9hh3gJmBcGp/?format=pdf&lang=en>

CARNEIRO, Fernando Ferreira; KREFTA, Noemi Margarida; FOLGADO, Cleber Adriano Rodrigues. A praxis da ecologia de saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus, actas de saúde coletiva**, Brasília, 8(2), p.331-338, jun, 2014.331-337p. Acesso em 25/09/2024Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1530/1289>

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro, BRITO, Pedro Nascimento Araujo, SANTANA, Elôysa Laura Pereira de, SILVA, José Carlos da, BARBOSA, Daniella de Souza, MORAES, Odara Alves. Popular education in the SUS: current challenges from the perspective of the observatory of opular health education and the brazilian reality. **Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ. 29(6). P.1-8. 2024. Acesso em 20/09/2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2024.v29n6/e17132023/en>

EGLITO, Leticia Caires, BARBOZA, Ryslla, SANFELICI, Stella Mangolin, MENDES, Thainara Alcantara, e RESENDE, Gabriela Cristina. 2024. Revisão acadêmica: educação ambiental e pesca no território litorâneo brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**. São Paulo. v. 19, nº.4:p.63-76, 2024. Acesso em 10/11/2024. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/18852/12576>

GORODICHT, Márcia Alves de Medeiros, e KINDLEIN, Liris. Agentes patogênicos associados ao consumo de pescados: uma revisão. Cap 1. Pp. 9–32 in: **Microbiologia: perspectivas em saúde e alimentação**. Luis Guillermo Ramírez Mérida (Org.). 2023. Editora Mérida Publishers. Acesso em 05/10/2024. Disponível em: <https://www.meridapublishers.com/mpsa/cap1.pdf>

JUNIOR, Boleiz. 2023. Célestin Freinet: sua concepção de educação popular e suas técnicas inovadoras. **Revista Educação Popular**. Uberlândia, v. 22, n. 3,p.185-206,set-dez.2023. Acesso em 23/09/2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/70703/37567>

JUSTO, Felipe da Silva, SOTTILI, Luciana Adélia, e ESSY, Daniela Benevides. Contribuições da educação ambiental para o fortalecimento das colônias de pesca Z1 e Z2 para atuarem na mediação entre os órgãos governamentais e os pescadores artesanais. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos Em Cultura e Sociedade**. v. 05, ed. especial, abr., p.1-12. 2019, artigo nº 1342. Acesso em 25/09/2024. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1342/746>



KUJAWA, Henrique, PINTO, Rodrigo Silveira, LELES, Fernando Antônio Gomes, e MACHADO, Frederico Viana. Community participation in health as an essential element for health system strengthening in the americas. **Revista Panamericana de Salud Publica/Pan American Journal of Public Health** 47: p.1–7. 2023. Acesso em 20/09/2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10337638/pdf/rpsp-47-e109.pdf>

LADISLAU, Daniel da Silva, RIBEIRO, Maiko Willas Soares, CASTRO, Philip Dalbert da Silva, PANTOJA-LIMA, Jackson, ARIDE, Paulo Henrique Rocha; OLIVEIRA, Adriano Teixeira de. Ichthyological ethnoknowledge of the “piabeiros” from the amazon region, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 17(1):1–14. 2021. Acesso em 15/10/2024. Disponível em: <https://ethnobiomed.biomedcentral.com/counter/pdf/10.1186/s13002-021-00468-7.pdf>

LIMA, Fernanda Bartoly Gonçalves de. Emancipação e educação em Boaventura de Sousa Santos: uma análise a partir de uma perspectiva marxista. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.14, n. 3, p.329-345, dez. 2022. Acesso em 15/10/2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/50013/28280>

LIMA, Maria José de, e GUENTHER, Mariana. A ambientalização curricular na formação dos profissionais de saúde. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 22, p. 1-30, 2024. Acesso em 10/11/2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/56707/45008>

LIMA, Solange Cabral de; DUTRA, Flávia Barbosa da Silva. Buscas pedagógicas em tempos de crise: sobre os pensamentos de Boaventura de Sousa Santos. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 44, 29 de novembro de 2022. Acesso em 15/10/2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/44/buscas-pedagogicas-em-tempos-de-crise-sobre-os-pensamentos-de-boaventura-de-sousa-santos>

MAIA, Gláucia Maria Cavalcante, VIANA, Aleide Barbosa, CARVALHO, Carolina Maria de Lima, e FELIX, Thiago Sousa. Celestina, SUS e Sertão: uma experiência de palhaçaria na educação popular em saúde. **Ciencia & Saude Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ. 28(5):p. 1479–1489. 2023. Acesso em 25/09/2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4sjdBwwF4PB4hTBnkCy8Pqs/?format=pdf&lang=pt>

Rodrigues Moraes, W. (2023). Sujeito em Educação Ambiental: reflexões a partir de uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. **Revista Sergipana De Educação Ambiental**, São Cristóvão, Sergipe. v.10, p.1–17. 2023. Acesso em 25/09/2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/19769/14760>.

OLIVEIRA, Vanessa Cristina de Castro Aragão, ARARIPE, Ana Letícia de Aragão Oliveira, NASCIMENTO, Manuella Rita Celestino do, MACHADO, Norma Cristina de Aragão Oliveira Pinheiro, e GRANDE, Julia Celestino. Responsabilidade socioambiental na escola médica. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**. Miami, v. 13, n.7, p.01-12. 2024. Acesso em 13/11/2024. Disponível em: <https://www.revistacaribena.com/ojs/index.php/rccs/article/view/4100/2927>

PEIXOTO, Vitor de Moraes, OLIVEIRA, Bruna Gomes de, LEITE, Davi Athaydes, e BASTOS, Gisele Braga. Impactos da participação em projetos de educação ambiental na



avaliação dos serviços públicos: uma análise das populações tradicionais de pescadores artesanais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**. São Paulo V. 19, N° 5: p.171-187, 2024 . Acesso em 10/11/2024. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/16015/12722>

PEREIRA, M. O. da R. Educação ambiental com pescadores artesanais: um convite à participação. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 73–80, 2009. Acesso em 10/11/2024. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/344>

RIZZOLO, Anelise, SANTOS, Ligia Amparo; CRUZ Pedro José Santos Carneiro. Dialogues between popular education and food and nutritional education: reflections from the trajectories of three university teachers. **Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ. Janeiro-2024/Jan. Acesso em 20/09/2024. Disponível em:

<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/en/articles/dialogues-between-popular-education-and-food-and-nutritional-education-reflections-from-the-trajectories-of-three-university-teachers/19050?id=19050>

SILVA, Rodrigo Moreira. **Pescando pescadores**: uma experiência de educação ambiental em valores humanos junto com os pescadores da Vila Anselmi em busca do conhecimento ecológico. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. 150p.2005. Acesso em 10/11/2024. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8503/SILVA%2c%20Rodrigo%20Moreira%20da.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SINFRONIO, Odelice Alves, COSTA, Lucinete Gadelha da, e COSTA, Mauro Gomes da. 2024. A Educação Popular: Uma Abordagem Histórica Na Formação de Professores. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**. Portugal. v.16, n.5, p. 01-20, 2024. Acesso em 15/10/2024. Disponível em:

<https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/4101/3223>

SOUZA, Boaventura Santos de. **Construindo as Epistemologias Do Sul**: antologia esencial. para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. Buenos Aires. Vol. I.1a ed. 688 p. 2018. Acesso em 15/10/2024. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/15247/1/Antologia_Boaventura_PT1.pdf

SIQUEIRA, Ivone Dos Santos, RAPOSO, Elinete Oliveira e FREITAS, Nadia Magalhães da Silva. Colonização do mundo da vida amazônico. **Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 29n. 1, 01-14, maio, 2024. Acesso em 25/09/2024. Disponível em <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/11316/4488>

TORRES, Luiz Claudio Rodrigues. Formação em licenciatura em Biologia, educação popular e movimentos sociais: encruzilhadas e caminhos da minha experiência. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 369–383, 2024. Acesso em 23/09/2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/70505>

VIEIRA, Norberto Ribeiro, e OLIVEIRA, Rogério de. **Ictismo no Brasil: acidentes causados por peixes, uma análise dos riscos e prevenção**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Ciências Biológicas. UniAcademia-Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG. P.20-39. 1999. Acesso em 15/10/2024. Disponível em:



<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/biologica/article/viewFile/4113/3041>

WALTER, Tatiana, e ANELLO, Lucia De Fátima. A educação ambiental enquanto medida mitigadora e compensatória: uma reflexão sobre os conceitos intrínsecos na relação com o licenciamento ambiental de petróleo e gás tendo a pesca artesanal como contexto.

Ambiente & Educação: Revista De Educação Ambiental. Rio Grande. v.17. n. 1. p.73–98. 2012. Acesso em 10/11/2024. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/2657>

Artigo recebido em: 25 de abril de 2025

Aceito para publicação em: 29 de setembro de 2025

Manuscript received on: April 25th, 2025

Accepted for publication on: September 29th, 2025

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

